



1
6
5

O REI MANDOU
PARAR DE TOCAR
ISSO AÍ, AGORA!



ESCARDA GUTMANN/ECO

EDITORIAL

Mais um número em 2020, o quinto, apesar da pandemia. Mantida a bimestralidade, apesar de uma defasagem. Ou seja, o último número do ano deverá sair no começo do ano que vem. Se tudo der certo, já virá vacinado.

Os colaboradores mantêm-se com certa regularidade, embora os atrasos no Correio possam ocasionar alguns contratemplos, como, por exemplo, alguma colaboração não chegar a tempo. Mas estão aí, com textos, HQs, ilustrações, cartuns, Henrique Magalhães, Mário Labate, Alex Sampaio, Luiz Cláudio Lopes Faria, Lio Guerra Bocorny, Worney A. Souza, Alexandre Yudenitsch, Manuel Dama, Gaspar Eli Severino, Aldo Maes e Valdir Ramos. A seção 'Fórum' mantém a pujança e a 'Edições Independentes' vem mais enxuta.

Desta vez não há encarte somente digital. Em compensação, o novo encarte da série 'Artigos sobre Histórias em Quadrinhos', cortesia de Carlos Gonçalves, vem bem fortalecido.

Boa leitura!

EDGARD GUIMARÃES

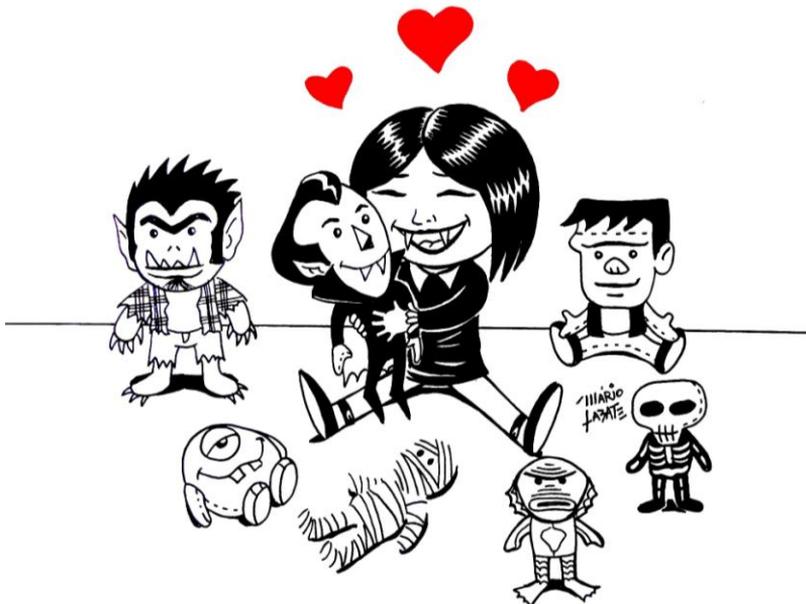
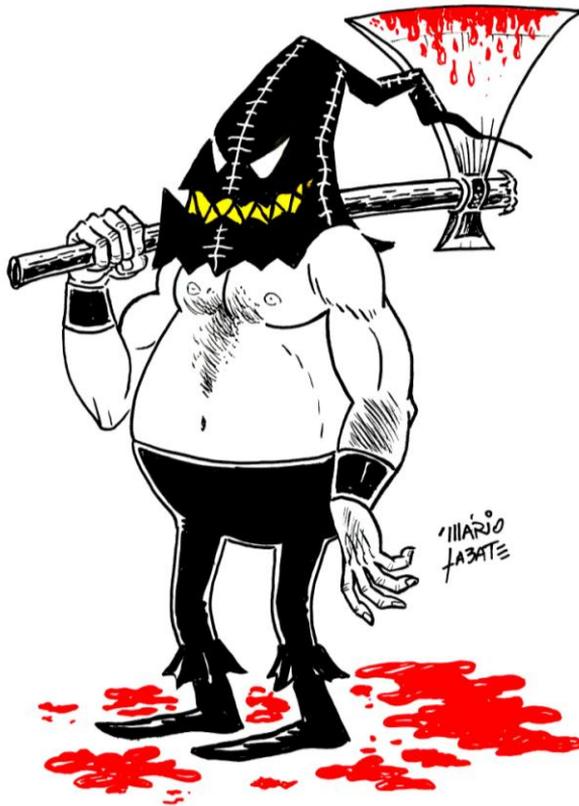
QUADRINHOS INDEPENDENTES – Nº 165 – AGOSTO/SETEMBRO DE 2020

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com
Rua Capitão Gomes, 168 – Brazópolis – MG – 37530-000 – Fone: (35) 3641-1657 (à noite)
Tiragem de 70 exemplares, impressão digital.



Mais um desenho do personagem Bi, feito na década de 1970.





Colaboração de Mário Labate Santiago.

GIBIS PERDIDOS NO TEMPO

GIBIS DO SABÃO EM PÓ RINSO

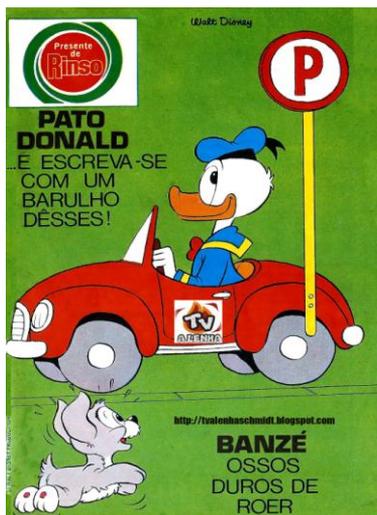
Alex Sampaio

Em 1971, o Sabão em Pó Rinso, muito famoso na época, resolveu investir mais em publicidade e lançou uma revista em quadrinhos promocional em parceria com a Editora Abril. Assim surgiu uma edição única do gibi do Pato Donald em parceria com a empresa.

Nos anos 1970, a guerra entre as marcas de sabão em pó era muito acirrada. Para atrair consumidores fiéis, as agências de propaganda, juntamente com editoras, sempre buscavam essa parceria promocional.

O gibizinho era distribuído junto das caixas de sabão em pó. A marca Rinso saiu na frente com as revistinhas que agradaram em cheio o público infantil, o alvo certo para fazer as mães gastarem dinheiro com a marca do sabão.

As revistinhas eram pequenas e com poucas páginas. A edição circulou com apenas 16 páginas e o gibi saiu em cores. O Sabão em Pó Rinso surgiu no ano de 1953. Sua publicidade sempre foi destacada nas revistas, principalmente em quadrinhos.



Notícias sobre HQ???

Acesse

<http://madeinquadrinhos.blogspot.com>

Entrevistas, reportagens, colunas, matérias, dicas e um mundo de informações sobre quadrinhos

MENTIRAS QUE TODO MUNDO CONTA!!



POLÍTICO TRABALHADOR?!



BOAS RECOMENDAÇÕES!



OS PALHACINHOS BRASILEIROS

Lio Guerra Bocorny

O vocábulo palhaço representa a associação *pagliaccio a buffone* em italiano, que se deve à sua vestimenta que lembrava o forro de um colchão de palha. A palavra existe em nosso idioma desde 1513, segundo o filólogo Afonso de Albuquerque.

Esses interessantes personagens tornam a vida humana mais agradável e para as crianças trazem uma alegria extrema.

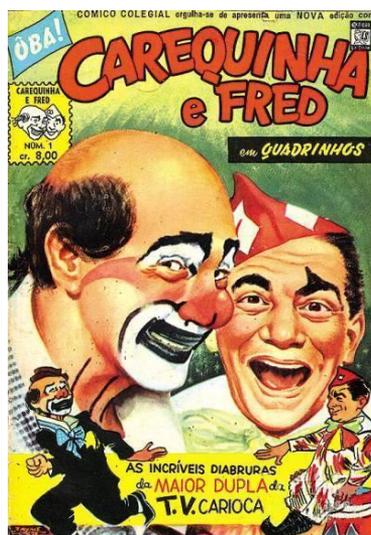
Hoje lamentamos que o circo esteja morrendo. A violência que impera nos grandes centros tornou bem mais difícil o erguimento da lona e a proibição pelos egocêntricos ambientalistas da exibição dos animais circenses diminuiu o interesse do espectador.

Nos anos 1940 e 50, expandiu no Brasil a arte circense, dezenas de companhias levavam a alegria, a arte e a música às capitais e cidades de maior população.

Desse segmento a saudosa editora La Selva apresentou aos aficionados revistas dedicadas aos melhores palhaços brasileiros. Assim surgiu em 1955 **Fuzarca e Torresmo**, no ano seguinte, **Arrelia e Pimentinha**, e, em 1958, **Carequinha e Fred**. Esse trio de saudosa lembrança trouxe alguns momentos de leitura não só às crianças como também aos adultos que, atraídos pelas belas capas ilustradas pelo mago Jayme Cortez, mergulhavam na leitura agradável.

Fuzarca e Torresmo persistiu em 36 edições; **Arrelia e Pimentinha** circulou em 23 e **Carequinha e Fred** teve apenas 9 números.

Na pessoa de Waldemar Seyssel, que se transformou em Arrelia e que faltou seis meses para chegar aos 100 anos de existência, homenagem esses seis Reis do Riso.



Cômico Colegial n° 171 (Fuzarca e Torresmo n° 1) (1955) – Seleções Juvenis n° 59 (Arrelia e Pimentinha n° 1) (mar/1956)
– Cômico Colegial n° 337 (Carequinha e Fred n° 1) (mai/1958).



Texto: Renato Rosatti • Arte: Joás Dias de Lima (26/9/95)

FÓRUM

PAULO JOUBERT ALVES

Belo Horizonte – MG

Os carteiros seguem em sua luta por manutenção dos direitos que alguns chamam de privilégios. Mas a demora na solução da greve coloca a opinião pública contra. Não há consenso para a categoria desde 2011! Ou seja, ninguém que saiu foi repostos.

– Funcionários + volume de serviço = atrasos na entrega.

ALEXANDRE YUDENITSCH

São Paulo – SP

Respondo agora à sua mensagem de 12 de janeiro (!). Este intervalo incomumente grande é devido a vários fatores somados, o maior dos quais é (claro) a pandemia de Covid-19; demorei a conseguir dedicar o tempo necessário a isso – e sua manutenção de produção e envio do **QI** nesse período, embora magnificamente louvável, foi adiando esta resposta, pois, a cada vez que eu me preparava para escrevê-la, aparecia um novo **QI**, e aí ‘zerava o contador’ de novo... Então fiquei tocaiando o ‘novo **QI**’ e, quando recebi o **QI** 164 ontem, consegui escrever esta mensagem e procurar me redimir.

Primeiro, a sua resposta ao conteúdo da minha mensagem anterior: “A capa dobrada do **QI** (159) é só para a versão física, para o PDF vai ficar faltando informação.”

É, vi o exemplar em PDF; creio que não haveria jeito mesmo de manter (ou mesmo imitar) a complexidade do ‘origami’ da capa do **QI** 159... e, pelo menos neste aspecto, a versão digital ficou ‘devendo’ à física – mas ainda acho que, para guardar, a digital é melhor (e é colorida, e permite copiar trechos do PDF para citações!).

Suas capas para o **QI** são ímpares (ie, não têm par) em qualquer zine que conheço! Intrigantes, simples, bonitas e variadas! A do **QI** 163 já foi objeto de sua explicação para o Henrique Magalhães; interessante que suas considerações sobre as cores dos números também servem para a capa da edição física, pois os tons de cinza substituem em parte as cores – e nem tinha pensado em considerações mais ‘profundas’ para explicar a capa, muito menos um ‘significado oculto’... pelo menos, as hipóteses que você listou não me pareciam nem um pouco prováveis (e nem desejáveis).

Agora, a do **QI** 164 leva a taça: É um trabalho de criação que exige precisão milimétrica para dar certo, considerando que tem que funcionar em dobraduras em 70 cópias do zine, e mais uma vez deixará os leitores da edição digital em desvantagem (será que foi de propósito?); não valeria a pena, nestes casos, acrescentar mais algumas páginas no PDF, mostrando como ficam as diversas etapas do **QI**-origami? Esta sugestão também valeria para outros números anteriores com ‘dobraduras ou penduricalhos’, como o já citado **QI** 159; você e o Henrique poderiam discutir como fazer isso de forma a preservar para a posteridade toda a riqueza do **QI**...

Do mesmo modo que no **QI** 163, não acho que haja uma resposta única para sua pergunta “Qual o segredo da capa?”: Pode ser a interpretação da ação dos personagens menores (da produção do zine?) ou do papel dos 7 maiores, da capa (e por que sete?), pode ser a descoberta das dobraduras e sua ordem correta, ou então a ‘história’ que a(s) capa(s) do **QI** 164 pretendem contar.

Comparando as capas dos exemplares impressos do **QI** que recebo com as das edições digitais no Marca de Fantasia, dá para ver que os coloridos da mesmas são, realmente, aplicadas manualmente, pois os detalhes variam de exemplar para exemplar (tive a dúvida porque, claramente, as ilustrações do interior do **QI** são coloridas no original, e a impressão em p&b é que tira suas cores).

Após ver como ficou a versão em PDF do **QI** 164, me ocorreu uma sugestão: Acrescentar mais 2 (ou 3) páginas nela, com imagens da capa e pág. 2 com as dobraduras com as quais a versão impressa foi distribuída, registrando assim a ‘experiência completa’. Se isso for aceito, poderia ser feita essa mesma revisão para as edições em PDF anteriores com esse tipo de ‘envolvimento tridimensional’.

A ECT, apesar de estar desfalcada de uma boa parte de seus quadros (afastados por fazerem parte do grupo de risco no início da pandemia) vem desempenhando até acima do esperado (por mim): **QI** 160 postado 20/01 e recebido 27/01, **QI** 161 postado 20/03 e recebido 09/04, **QI** 162 postado 07/05 e recebido 19/05, **QI** 163 postado 07/07 e recebido 16/07, e agora **QI** 164 postado 08/09 e recebido 15/09 (note que só passo na Caixa Postal uma vez por semana nestes tempos, então os tempos de entrega podem até ser mais curtos).

Vi pelas cartas que, para muitos, os tempos de entrega têm sido enormemente variáveis; aliás, ao retirar o **QI** 164 da Caixa Postal ontem, a atendente comentou que eu continuo a receber correspondências bem, inclusive durante a greve na ECT: Um dos motivos de manter a Caixa Postal. Quanto aos preços, é um problema mundial: Os custos do transporte pesam cada vez mais, pois é a única parte ‘física’ numa economia cada vez mais ‘virtualizada’, sendo um componente insubstituível em muitos casos – e, para baixar tais custos, só com subsídios, que podem ser de outras mercadorias, ou de órgãos públicos, o que é cada vez mais objeto de disputa. Até para comprarmos um livro ou vídeo, muitas vezes o porte custa mais que o próprio objeto – o que é mais um fator a favor das versões digitais.

Me impressionou a quantidade de demonstrações da fragilidade física dos membros deste grupo social, que gravita em torno de quadrinhos e fanzines antigos e novos: Foram citados Antônio Armando Amaro, Cléber Coimbra, José Pinto de Queiroz, Jorge Barwinkel, Oscar Kern, Delemiro, Losso, Valdir Dâmaso, Porini, Nilson Silva, Oswaldo Nunes de Souza, Renato Canini, José Simões Filho, Fuad Abdala, Wiliandi Albuquerque, Emanuel Amaral, Carlos Brandino, Leonardo de Albuquerque Machado... Credo!

Devido ao intervalo entre uma edição e os comentários, demorou um pouco para que as cartas no **QI** refletissem os reflexos da pandemia de Covid-19 junto aos leitores do **QI**, mas agora já está tudo ‘em dia’. Esperemos que, em breve, a situação fique melhor, apesar da probabilidade de termos que conviver com o vírus por um bom tempo, talvez do mesmo modo que convivemos com gripe, sarampo, dengue, febre amarela, polio, AIDS, etc. Imagine que a continuidade da circulação regular do **QI** ‘físico’ tenha sido um conforto para seus leitores, pois no ‘isolamento social’ da pandemia qualquer contato humano vale ainda mais, mesmo com atrasos e falhas, e com certeza o que não falta neste fenômeno social que é o **QI** é o contato humano por via escrita, algo pouco usual até fora dela. Parabéns e obrigado!

Sobre “HQ ou Conto Ilustrado”, creio que, realmente, se tirarmos as imagens de uma obra e ela continuar compreensível (e completa), não será uma HQ. Seu comentário que “escrevi um livro inteiro de cartuns onde as imagens são totalmente dispensáveis, não deixam de ser cartuns por isso?” é verdadeira, mas AMV cartuns não são HQs – não são nem histórias, e sim ‘imagens’ de um momento ou situação! Ainda acho certa a visão de Will Eisner, que a “história” de uma HQ acontece ‘entre’ os quadrinhos, na mente do leitor, e é por isso que as pessoas precisam ‘aprender a ler HQs’, pois é um processo diferente de ler (ou ouvir) um conto ou ver um filme, exigindo uma atuação diferente do ‘leitor’. Se diferenciarmos um ‘conto com ilustrações’ (um conto criado já prevenido ilustrações, que complementem e completem o texto) de um ‘conto ilustrado’ (um conto criado apenas com texto, que recebe ilustrações ‘a posteriori’), creio que o primeiro pode ser considerado uma HQ, e o último não. Assim, nas pranchas do Príncipe Valente de Hal Foster o texto e as imagens se complementam e completam para contar a história, mas as histórias da Bíblia não prevêm ilustrações, que talvez não alterem a intenção original desses textos – mas, claro, é possível (e foi feito pela EC, Ebal, etc.) criar uma “Bíblia em Quadrinhos”, onde todo o texto original, ou partes dele, façam parte de uma obra nova, contendo ilustrações (e até balões, por que não?).

Em uma resposta ao Henrique Magalhães, você disse: “Quando comecei o **QI**, era para divulgar edições impressas, e fiquei com isso na cabeça. Aos poucos fui divulgando aqui e ali alguma edição digital, mas sem convicção. Um pouco por causa do método. Meu método é pegar as edições que recebo, escrever os verbetes, escanear as capas e montar a página de divulgação. Assim, quando recebo uma edição digital, via internet ou CD, fica um pouco fora do processo e muitas vezes não dou conta de que deveriam ser divulgadas (...) Estou corrigindo essa falha. A partir de agora, divulgarei sistematicamente tudo que receber.”

Mas isso leva a um assunto ligado: Se a motivação inicial do **(I)QI** era divulgar produções ‘independentes’ e fanzines sobre HQ, e hoje uma parte significativa de tais iniciativas ocorre na internet, haveria interesse em procurar ampliar a seção ‘Edições Independentes’ para cobri-las também, e talvez criar outra, mais específica para a mídia digital (blogs, sites) além apenas de edições ‘eletrônicas’, talvez com colaborações regulares ou variadas?

Com relação aos “problemas para comprar livros e DVDs no exterior”, objeto de vários comentários anteriores meus, seus e do Luiz Antônio Sampaio, realmente a situação piorou ainda mais, pois os descontos do Amazon ficaram menores, e o porte tem variado muito, às vezes para valores exorbitantes. Dependendo dos livros pretendidos, há dois vendedores ingleses que quase não oferecem descontos, porém o porte é GRÁTIS, inclusive para o Brasil. São “Book Depository” e “Wonderly”, conhecem? Se não, basta acrescentar “.com” para visitar seus sites.

As cartas do Edson Rontani Jr. me lembraram dos tempos antigos, como em maio/97, quando ele me disse que “é de meu interesse prosseguir com o trabalho desenvolvido [por meu pai] há 32 anos com o Intercâmbio Ciência Ficção, que tinha por objetivo intercambiar o relacionamento entre as pessoas que gostam de HQ”, e continuamos a fazer negócios com as listagens de gibis e vídeos dele até meados de 2005. Vejo que continuou sempre com atividades ligadas ao meio.

Qual o critério para uma contribuição ir para o ‘Fórum’ ou ser um artigo? P. ex., no **QI** 164, mesmo que as 3 páginas de Rod Tigre não tenham um só tema, pelo menos as 2 iniciais tratam de personagens inspirados na Lua (da nossa Terra), e ele e/ou Quiof Thrul poderiam ter colunas fixas de “bibliografia de quadrinhos”...

Me redimi adequadamente?

Fizeram falta seus comentários esse tempo todo, mas, sim, você se redimi.

A diferença entre a versão física e a digital é inevitável. E não é só nessas capas em que fiz algum tipo de “dobradura”. Mesmo quando se usa papel diferente na capa, e fiz isso muito a partir do “QI” 40 até o 100, esse aspecto é perdido na versão digital. Lembro quando fiz uma capa com papel kraft. O dono da gráfica achou que eu estava brincando. Como eu insisti, ele fez, mas achando que ia ficar uma porcaria. Quando ele viu o exemplar pronto com a capa em kraft, ficou espantado, não conseguia acreditar que o papel que ele usava para embrulhar os produtos que fazia pudesse ser suporte para impressão e com resultado tão bom. Será que algum leitor do “QI” na época teve também essa reação? O da edição digital certamente não teve nem terá. Mas sua sugestão está me fazendo pensar. Já tenho alguma ideia sendo ruminada. Aguarde.

Tenho certeza que a mesma cabeça que bolou essas capas irá descobrir algum jeito de passar pelo menos parte do impacto na versão digital. É como no exemplo que você deu: Como a imagem da capa no PDF é colorida, pelo menos parte do efeito dá para perceber – e mesmo quem tem em mãos um exemplar ‘físico’ pode nem parar para pensar no papel usado, o que os nivela ‘por baixo’.

Eu escrevi uma série de artigos para congressos de comunicação onde tratei desses assuntos ligados à linguagem das HQs. Esses artigos estão reunidos no livro digital “Estudos sobre Histórias em Quadrinhos” disponível na Marca de Fantasia. Num dos artigos, analisei essa questão se HQ tem que ser “ensinada”. Em outro, se há diferença significativa entre HQ de vários quadros e o de um só (o cartum).

O princípio em que me baseei é de que há histórias complexas que precisam de vários quadros (e que contêm informações entre os quadros) ou que precisam ser ensinadas. Mas isso ocorre com qualquer forma de arte. Quanta gente sabe escutar música clássica? Defendo que histórias simples podem ser contadas em uma única imagem e que os cartuns não são meros instantâneos, mas sim uma imagem estática que tem função narrativa (portanto, história).

Concordo, o que está ‘fora do quadrinho’ (tanto no tempo quanto no espaço) também pode ser indicado ou sugerido, com efeito semelhante ao descrito para ‘quadrinhos sequenciais’. Mas, também isso vale para texto. P. ex., aquela que seria “a mais curta história de terror do mundo” (“O último homem do mundo estava sentado; houve uma batida na porta”, e sua concorrente, “a história de terror do mundo uma letra mais curta que a mais curta história de terror do mundo”, ou seja, “O último homem do mundo estava sentado; havia um cadeado na porta.”) (sim, o comprimento das duas é o mesmo, mas em inglês a vantagem existe; ou então aquela atribuída a Ernest Hemingway, “Vende-se sapatinho de bebê, nunca usado”).

Isso o próprio Millôr já tinha explicado no **Pif-Paf** (creio que no nº 1) naquele cartum do casal e a balança (espero que conheça).

Outra coisa é que não podemos conceber um conceito tomando por base as obras boas, primas. Uma música ruim continua sendo uma música. Um autor que não sabe usar direito os recursos de HQ fará uma HQ ruim, deficiente, com redundância entre imagem e texto. Estou lendo as histórias antigas do Fantasma, em várias passagens, a narrativa é péssima, às vezes acho que faltou uma tira, ou foi publicada invertida. Mesmo um clássico tem suas limitações como HQ.

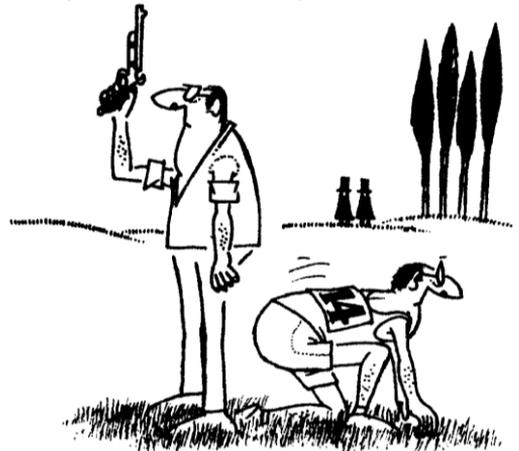
Outro ponto muito bem lembrado; na verdade, acho que o importante é não levar tais discussões para minúcias, detalhes, ou casos extremos, senão perde-se o sentido maior da discussão.

Muito boa sua pergunta, quando um texto vai para o ‘Fórum’ e quando ganha uma página própria. Sinceramente, não sei. Vai meio na intuição, meio no acaso, as colaborações do Francisco Dourado e do Quiof trazem comentários variados, então acho mais certo que fiquem no ‘Fórum’. O Dourado manda colaboração mais extensa, a ponto de compor um encarte. O Rod manda textos mais extensos para fazer encarte e outros textos especificamente para o ‘Fórum’. Mas concordo com sua dúvida.

Parece um critério bom, junto com a extensão do texto: Se ele não cobre nem uma página, mesmo com tipos maiores, fica incômodo apresentá-lo como artigo.

Estou esperando o próximo **QI** para ver que resposta será dada para sua pergunta “Qual o Segredo da Capa?”. Já que não há como argumentar contra qualquer resposta razoável – mas vamos ver as opiniões dos leitores.

Você mencionou um cartum de “O Pif-Paf”, você tem esse cartum para me enviar e ilustrar a seção ‘Fórum’?



Minha esperança (que você o conhecesse) era porque este é um cartum que ficou gravado em minha memória, e o uso às vezes para exemplificar esse tipo de ocorrência, então pensei que o mesmo poderia ocorrer com você. Esse foi, pelo que me lembro, um de uma série em que Millôr fazia considerações sobre cartuns, “explicando” a piada, e minha lembrança é que tinha visto este exemplo no **Pif-Paf** enquanto publicação independente; o que também é possível é que ele já tinha começado essa série quando o ‘Pif-Paf’ era publicado no **O Cruzeiro**.

Para não deixá-lo no suspense, vou contar. O cartum apresenta um casal, uma mulher grande e dominante e um homenzinho menor e tímido, com ele se pesando numa daquelas balanças pagas, que havia na Europa (e talvez nos EUA) antigamente, e imprimiam o peso e um “horóscopo” num ticketzinho, inserindo-se a moeda adequada. Pois bem, o homenzinho deve ter sido pesado e a mulher lia o que saiu no ticket: “Aqui diz que você é decidido, corajoso e gentil, e [virando o ticket] seu peso também está errado!”

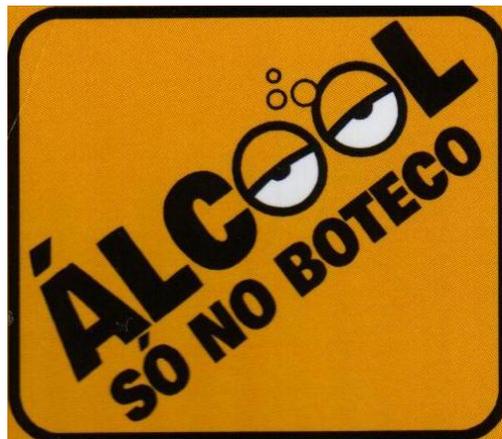
As explicações do Millôr vinham depois de um enorme “EVIDENTEMENTE”. Consegui achar essas ‘explicações de piada’ nos 4 primeiros números do **Pif-Paf**. Nenhuma delas é a que eu lembro, mas dá para entender do mesmo jeito. São todos exemplos de cartuns onde a piada não está no quê é mostrado ou dito, mas no que o leitor imagina como consequência (e o “Evidentemente” é uma piada, pois mostra como alguém pode não ver isso).

Aliás, nessa pesquisa descobri algo que não sabia (ou não lembrava): Depois de ter o **Pif-Paf** fechado, Millôr passou a publicá-lo num jornal em Portugal, durante 10 anos, até a revolução que derrubou Salazar (e como o **QI** tem muitos leitores em Portugal, isso talvez também dê margem a algum artigo?)

Publico o artigo sobre Millôr em Portugal mais à frente.

JUCA DA SILVA
Macaé – RJ

Agradeço por suas notícias e por ter colocado o meu anúncio em sua excelente revista. No momento estou te enviando um calendário deste ano junto com um ímã de nossa família.



LIO GUERRA BOCORNY
Florianópolis – SC

Hoje datar uma carta é um mero detalhe pois ficamos refém de um Correio ineficiente, irresponsável e com dirigentes relapsos.

Nos anos setenta o cinema apresentou um sinistro filme intitulado **No Mundo de 2020**, quem viu se arrepiou. Hoje, coincidindo o número do título, estamos vivendo um momento semelhante e sujeito a se estender ao ano vindouro.

Mas viver os bons momentos, embora raros, é o que nos estimula, nos dá alento e nos enche de esperança. Bom momento foi a chegada do **QI 164**, cada vez melhor e inovado. A capa é uma verdadeira obra de arte e só podia ser idealizada por um engenheiro brilhante. Além da originalidade, nos lembra os origami, os quais só a paciência japonesa é capaz de produzir.

FRANCISCO FILARDI
Rio de Janeiro – RJ

Tenho recebido o seu carinho para com o meu trabalho e as suas sempre interessantes publicações. Com a preparação das eleições, fico aqui com trabalho até o alto da cabeça. Ainda assim, deu tempo para mais um **Intervalinho**. Boa leitura!

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA
São José dos Campos – SP

Recebi o **QI 164** e destaco as colaborações de Henrique Magalhães, Mário Labate Santiago, as cartas e contribuições do ‘Fórum’ e as ‘Edições Independentes’, capas enviadas por Gaspar Eli Severino e as fotos dos Tarzans. Está ótima. Meu Tarzan preferido é Johnny Weissmuller, minha Jane preferida é Maureen O’Sullivan.

ANITA COSTA PRADO
São Paulo – SP

Incrível como o **QI** continua surpreendente! A capa em dobradura da edição 164 é inovadora e admirável. Desde que editava o **Zine Gospel**, dava uma atenção especial às capas.

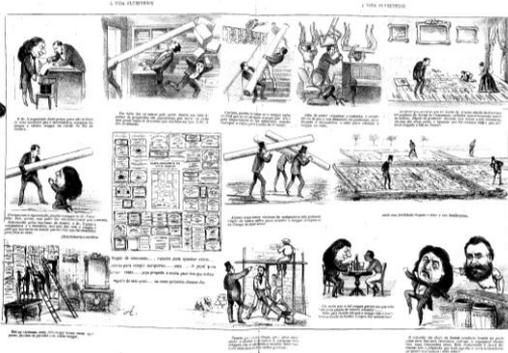
A HQ da Maria mostra que Henrique Magalhães ainda tem muita lenha para queimar com a personagem que tem muito a dizer.

A ilustração do Mário Labate Santiago com o Zé do Caixão e a turma do Scooby Doo mostra um “encontro” insólito e criativo.

Aliás, eu me alongaria muito se comentasse toda a criatividade de textos, artes e fotos desta edição. ‘Garrafa Térmica’, ‘Blitz’, a coluna do Worney e uma observação também sobre o Denilson Reis, sempre na batalha e persistência. Merece mil curtidas.



Além daquela HQ do Dr. Semana, existem outras, entre elas essa que satiriza um projeto de Fleiuss, na pessoa do personagem Dr. Semana. Tratava-se da venda de mapas da Corte juntamente com anúncios de patrocinadores, algo usado até hoje em repartições turísticas – **Vida Fluminense** nº 60 de 20 de fevereiro de 1869.



Essa ideia de Fleiuss parece ter sido engendrada em 1862, veja na edição 95 um projeto de embelezamento do Largo do Rocio.



E corroborando a ideia de que Dr. Semana foi o mais popular personagem brasileiro do século XIX, segue uma ilustração feita por Candido Aragonez de Faria n^o **A Vida Fluminense** nº 214 de 3 de fevereiro de 1872.

E quanto às asinhas nos pés (e também na cabeça), Thor, Namor e Dr. Semana se inspiraram nada mais nada menos que em Mercúrio, o Deus.

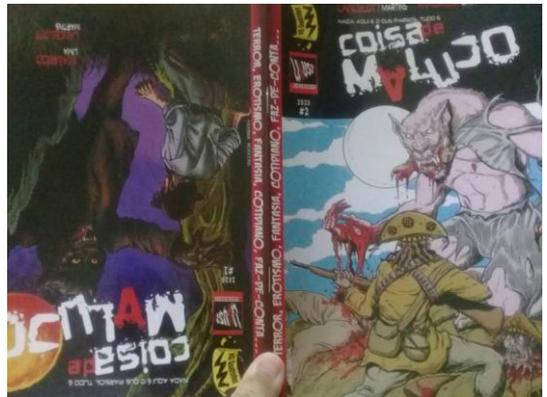
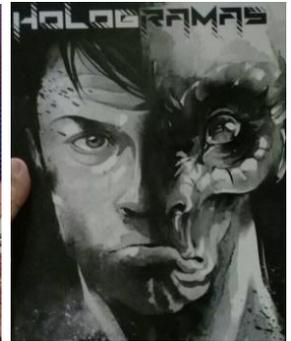


Seguem 3 edições que resenhei no Facebook.

Spectrum, de Eduardo Ferrara. Uma revista para se ler muitas vezes. Muito engenhosa a narrativa.

Hologramas, de Eliane Bonadio e Gio Guimarães. Sem muito alarde duas mulheres lançaram esse quadrinho fantástico – estilo e qualidade. FC muito boa.

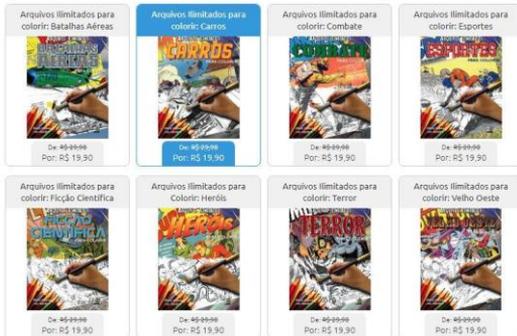
Coisa de Maluco, de Maurício Lima. Traz duas edições em uma e também um fôlego novo pro quadrinho de terror/horror. Três histórias muito boas.



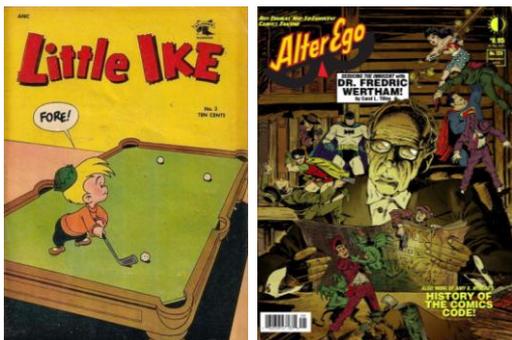
Em seu perfil no Facebook, o Laudo Ferreira informou que o Jodil faleceu, não sei ao certo o dia. O JJ Marreiro e o Rod Tigre tinham planejado histórias do Kutang, herói criado pelo Jodil. Seguem umas páginas do blog Laboratório Espacial.



Eu tenho esse livro que o Abelardo Souza mencionou, mas não para colorir, mas sim pelas capas da Era de Ouro. O título original é **The Classic Comic Colouring Book**. Uma editora chamada Livros Limitados publicou uma coleção com temas variados. A moda dos livros para colorir anti-stress foi boa para os fabricantes de lápis de cor, mas durou pouco, embora ainda se encontrem.



Descobri que o Little Joe/Chiquinho mudou de nome na segunda edição de sua própria revista, virando Little Ike.

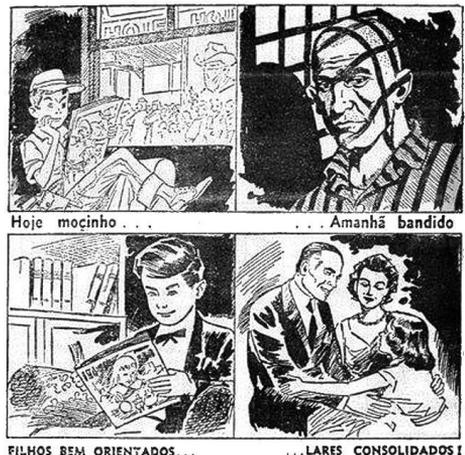


Li a edição 67 do **QI** com o texto do Dr. Fredric Wertham. Até pouco tempo não sabia que tinha sido publicado aqui, até ver justamente uma postagem do próprio João Antônio Buhner no Facebook. Anteriormente havia lido uma versão no site **HQ Memória** do Nikki Nixon. Descobri um outro texto dele publicado no **Diário de Notícias** (RJ) em 1948. Quando falamos de Wertham, acabamos caindo no maniqueísmo de julgá-lo como o algoz dos quadrinhos. A verdade é que ele não foi o primeiro nem o último a criticar os quadrinhos. Criou-se um verdadeiro pânico moral, algo que seria repetido com o rock, o RPG e os vídeo games. Wertham de fato se preocupava com a saúde das crianças, era contra a segregação racial, o problema foi como isso foi feito. Ele não foi verdadeiramente honesto. De acordo com Carol L. Tilley, da University of Illinois Graduate School of Library and Information Science, Wertham alterou muitos dados, colocava títulos que as crianças não tinham citado, mudando palavras, data, escreveu sobre pacientes que não eram dele ou então alterava as histórias que lia. Nem mesmo o **Classic Illustrated** escapou. Ele declarou, no entanto, que não quis a censura, mas sim um sistema de classificação. Acho que a ida do Bill Gaines ao Senado também foi desastrosa. Tilley publicou o artigo 'Seducing the Innocent: Fredric Wertham and the Falsification that Helped Condemn Comics'. Uma versão ilustrada saiu no **Alter Ego** n° 128 (agosto de 2014). Ela também publicou na revista **9ª Arte** da USP um texto traduzido como 'Os Leitores de Histórias em Quadrinhos no meio das Mentiras de Fredric Wertham'.

O fanzineiro Dwight Decker conseguiu o contato de Wertham e acabou se correspondendo com ele. Wertham se interessou pelos fanzines, se correspondendo com outros fanzineiros e até publicando um livro sobre o fandom, **The World of Fanzines: A Special Form of Communication** (1974), chegando à conclusão que os fanzines eram "um exercício construtivo e saudável de impulsos criativos".

Ele chegou a ser convidado para a New York Comic Art Convention, mas ficou com medo, até parou de escrever sobre quadrinhos. Acho que faltou diálogo com as editoras lá nas décadas de 1940 e 1950 e talvez nessa convenção ele poderia esclarecer e até ser desmentido. Sérgio Codespoti do **Universo HQ**, no excelente ensaio 'Quando a Nomenclatura Faz a Diferença' (08/10/2008), lembra que há uma distinção entre comic strip e comic book. Os primeiros eram mais respeitados. Caniff foi capa da **Time** em 13 de janeiro de 1947. Vi também que Al Capp foi capa da edição de 6 de fevereiro de 1950.

Em 6 de julho de 1951, o jornal **Tribuna da Imprensa** publicou o texto 'Os La Selva espalham o Terror Negro', atacando os quadrinhos de terror da editora paulista. Logo em seguida publicariam a revista **Bamba**, inspirada na revista católica francesa **Coers Vaillants**. A campanha 'Hoje Mocinho, Amanhã Bandido', segundo li, era contra a fabricação das armas de brinquedo. A ironia é o uso da linguagem das HQs. Peguei o cartaz no blog do Floreal de Andrade.



Em 20 de maio de 1938, o **Correio Paulistano** publicou um texto alarmista de Isaltino de Mello. Ele “alerta” sobre os livreiros, citando como nocivos títulos como **A Garra Cinzenta**, **O Fantasma Voador** e **O Bandido das Tendias Negras** (publicado na **Gazetinha**).

Ele também inclui na lista a adaptação do romance “O Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, um clássico da aventura.

Lendo o dossiê do “Tintin em Portugal” pelo Carlos Gonçalves, veio a dúvida: quando começaram a usar ‘banda desenhada’ por lá?

Gostei do teu ensaio ‘A Questão do Plágio’ na **Quiosque** nº 4. De fato, as pessoas usam o termo plágio sem saber direito o que é. No site **TV Tropes** (que mencionei em outra ocasião), usam o termo ‘trope’ ou ‘tropo’ em português, um equivalente para clichê. Os tropos servem até para os ‘swipes’ dos quadrinhos. Há um artigo muito bom, ‘Tropes Are Tools’, que inclusive tem versão em português, ‘Tropes são Ferramentas’. Há casos onde o autor não pode usar o personagem, ele dá outro nome. O nome do tropo é Capitão Ersatz. De acordo com a Wiki, Ersatz é uma palavra alemã cujo significado literal é substituto ou sucedâneo. Alan Moore e Warren Ellis usaram muito esse recurso em **Watchmen**, **Supremo** e **Planetary**.

Voltando ao Astronauta, a **MSP** fez crossovers com heróis da DC em 2018. Eu queria ver era o Astronauta com o Adam Strange. Segue uma montagem que eu fiz. Tinha esquecido da versão do Aluir Amâncio no **MSP Novos 50** (2011), ele que já foi do estúdio e se tornou desenhista da revista do Superman.

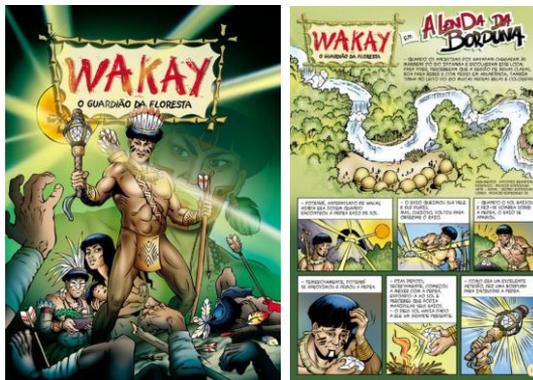


Inspiro no **Shima no QI**, fiz essa montagem para publicação no Facebook, linkando as edições 100 e 164 com textos sobre o Astronauta. Peguei o título de um Almanaque dele que tinha um fundo em branco.



Uma lei de 1979 obrigava a criação de cartazes de filmes estrangeiros por artistas brasileiros. Infelizmente o autor não foi identificado. O texto da lei está no site da Câmara (PL 1069/1979).

Não sei se você conhece essa HQ. Em 2005, a Rosita lançou uma linha de brinquedos baseada em Wakay Cícero Pontes da Cruz, um índio da etnia Fulkaxó, líder da reserva Tã-Fene, em Portão, Lauro de Freitas, Bahia, músico e terapeuta. Parte do faturamento dos produtos vendidos foi utilizada para a construção de uma casa na reserva. A HQ **Wakay – O Guardiã da Floresta** foi feita pelo estúdio MW Editora, que postou parte dela no site da editora. Segundo um vendedor no Facebook, a revista saiu em 2005, tem 14 páginas, com argumento de Antonio Brandino, desenhos de Moacir Rodrigues, arte-final de Irineu Rodrigues e cores de Moacir Rodrigues Jr. Antonio Brandino era na época sócio-diretor da Rosita.



WAGNER TEIXEIRA
wnyhyw@gmail.com

Salve, Edgard, recebi aqui o **QI 161**. Esse foi o que mais enrolou por conta da pandemia, né? Essas correspondências de março/abril, tô percebendo que só agora os correios estão conseguindo colocar em ordem. Mas antes tarde do que mais tarde. Valeu por mais uma ótima edição.

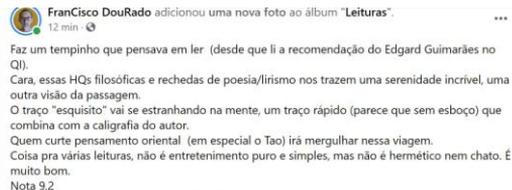
DENILSON ROSA DOS REIS
Alvorada – RS

Com muita satisfação venho anunciar o lançamento do **Zinebook Tchê** pela Editora Criativo. São 60 páginas e formato 21x28 com capa colorida, tudo dentro do padrão da Criativo. O álbum está em pré-venda no site da Criativo. Conto com os amigos para ajudar a bater a cota da pré-venda.



Edgard e Henrique, compartilho as impressões do Franciscão Dourado aos ler meus álbuns **Homo Eternus**. Como Edgard auxiliou no início dos zines a divulgar-los e Henrique criou **Tyli-Tyli/Mandala**, e me publica, fico contente em compartilhar com vocês, mesmo que saiba que também entendem e reconhecem meus trabalhos.

As definições de Franciscão Dourado, enquanto lê meus álbuns **Homo Eternus** finalmente desnudam e esclarecem o que eu sempre desconfiava: eu realizava essas HQs ao som de rock (progressivo e metal) e sob influência de leituras espiritualistas (incluindo o Tao Te King). Ele finalmente sintetizou a essência de tais criações! Muito grato! Conselho a quem mais leia ou releia meus álbuns: faça-o sob audição musical.



Edgard, estou finalizando um minizine para o dia 12 de outubro. Será uma surpresa concernente ao termo fanzine e suas variações. Já pedi ao Márcio Sno desenhos para abrir e fechar o zine, mas tive a ideia de acrescentar mais alguns desenhos para ele ficar “ilustradinho”. Não precisa desenhar nada, pois, caso aceite, é para amanhã, basta liberar qualquer arte. Só peço um desenho que eu insiro aqui em minha arte quase pronta para imprimir e “lançar” dia 12. Os desenhos aparecerão como marginais – bem pequenos, portanto – espalhados no conteúdo do minizine.

EMIR RIBEIRO
João Pessoa – PB

Alguns envelopes chegaram ontem. Imagino que há um seu entre eles. Foi minha esposa quem recebeu e os pôs na quarentena. Só leio 10 dias após o recebimento, pois qualquer corona que tenha pegado carona no envelope durante o trajeto, não estará mais vivo. Após a morte de um irmão e um primo no mês de maio, não me arrisco com esse vírus. Não estou saindo de casa nem para ir à caixa postal. Aliás, era para ter revalidado o aluguel em abril. Como os funcionários são meus conhecidos, estão guardando as correspondências que chegam para mim. Quando puder, irei buscar.

Ao divulgar minhas edições no **QI**, ponha apenas o endereço virtual: emir.ribeiro@gmail.com. Só ando recebendo revistas e fanzines digitais, pois já estou sem espaço para armazenar em casa. Ando lendo tudo num tablete. Enfim, muita coisa está mudando rapidamente e estou me adaptando. Não há escolha.

Chegou hoje o inspirado **QI 164** com engenharia de origami (dobradura de papel) na capa! Obrigadão! Pela correria deste semestre, ando devendo comentários para várias publicações de meus amigos. Peço que não se ofenda.

Bom que recebeu o “QI” 164 mais rapidamente desta vez. O Correio está bastante incerto. Para muitas coisas, encomendas maiores para cidades maiores, as pessoas estão abandonando o Correio e optando por transportadoras. Pelo que vi, a Amazon brasileira não usa mais o Correio, só transportadora, mesmo para uma cidade pequena como Brazópolis. Para cartas pequenas como as do “QI”, eu não tenho opção. É postar e ajoelhar.

A dobradura da capa eu copiei de “O Tico-Tico”, com alguma adaptação pois não deu para fazer igual. A revista trazia muito desse tipo de atividade.

Uns toques sobre **QIs 161, 162, 163 e 164.**

QI 161 – Capa muito bonita. ‘Na luta’, Henrique sempre atuante. Julie, Labate, Luiz Faria e você trazem leveza e humor ao **QI**. As capas de Gaspar Severino demonstram que ele possui respeitável coleção de gibis clássicos.

QI 162 – Alinhamento multiplicado de 162 formando seu retrato vale nota dez. Julie, Mário Labate, Henrique Magalhães e Luiz Faria fazem a alegria deste **QI**. Muito interessante o questionamento de Alex Sampaio. Rarrarrrahhhh! Já nem me lembrava dessa minha chegada atrasada no evento de Araxá. Destaque para ‘Mantendo Contato’ de Worney. Outro destaque para ‘Um Sonho Alcançado’, belíssima recordação de E. Figueiredo. ‘As Mulheres da Selva’, soberbo encarte elaborado com grande dedicação de Carlos Gonçalves.

QI 163 – A alegre seção deste **QI** nos trazem Henrique Magalhães, Luiz Faria e Wagner Yhyhwh. Destaque para as capas de romances policiais, que eu curti muito na juventude, sobretudo as de pocket-books americanos. Eu ficava totalmente vidrado. Ainda hoje avalio as capas por esse critério clássico. Outro destaque é sua entrevista a Nina. Para ler e guardar ‘Séries Obscuras 2’ de Franciscão Dourado.

QI 164 – Capa magistral em estilo origami. Seção de bom humor sob os cuidados de Henrique Magalhães, Mário Labate e Luiz Faria. Destaque para os deliciosos textos ‘Todo o Requite e Arte de se Comprar uma Garrafa Térmica’ e ‘O Peixinho de Frei Crispim’, assinados por Franciscão Dourado e E. Figueiredo. ‘Mantendo Contato’: merece o nosso aplauso a iniciativa de Worney em homenagear o saudoso Lyrio Aragão, grande mestre dos quadrinhos. Capas de gibis clássicos de Gaspar Eli Severino, de fazer babar qualquer bom colecionador. ‘Dr. Semana’ no encarte ‘Os Primeiros Super-Heróis do Mundo’, bom trabalho de Rod Tigre.

Você lembrou o origami quando viu a capa do “QI” 164. Não tenho maior conhecimento sobre o origami, mas acho que é algo mais complexo, que resulta em algo em 3 dimensões. Uma vez recebi um fanzine que tinha um sapo na capa, era uma dobradura que tinha altura, acho que esse era um origami verdadeiro. O que fiz foi algo mais simples.

Na verdade, o termo “ori-gami” em japonês é mais abrangente, significa “dobradura-papel”. No Brasil, virou substantivo, assim como “gibi”, “gilete”, “futebol” (bola-pé, em inglês).

MANUEL CALDAS
Póvoa de Varzim – Portugal

Recebi ontem e muito agradeço o **QI 164**, com a originalíssima e complexa capa (que – cá está uma das vantagens sobre o PDF – só funciona em papel). Consegui ler a pergunta “qual o segredo da capa?”, mas ainda não sei a resposta.

A pergunta é justamente para quem receber apenas a versão em PDF, onde a imagem da capa estará desdobrada.

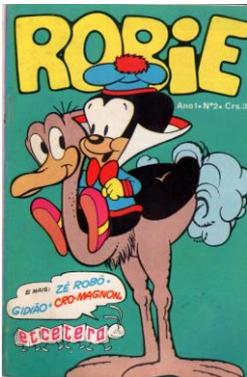
É o que eu dizia: a vantagem do papel sobre o PDF!

CARLOS GONÇALVES

Lisboa – Portugal

Antigamente eu tinha 3 livrarias/tabacarias a guardarem tudo o que saía no Brasil... portanto, quando lhe mando os artigos, com raras exceções, tem imagens das minhas revistas. Eu tenho todas as revistas, ou, melhor, tinha... pois já vendi muita coisa... vou a caminho dos 80. Neste momento e desde que iniciei a venda das minhas coleções (tenho 800 cadernetas de figurinhas para vender) foi à CM Amadora que vendi cerca de 25000 publicações de BD portuguesa. Depois foi sempre a vender, mas ainda tenho duas casas com mais de 30 prateleiras cheias até ao teto... sou um colecionador compulsivo... eu coleciono bonecos de pvc, cadernetas de figurinhas, postais, selos, canetas, separatas (são cerca de 3000), motos, carros, brinquedos de lata de corda, soldadinhos de chumbo, super-heróis também, BD publicada em jornais e revistas (são milhares, as tiras são recortadas e coladas em brochuras para fácil manuseamento), fascículos e literatura de cordel etc.

Seguem as imagens. **Robie** não tem data e a outra é de 10/1980.



No encarte ‘O Gibi Esquecido’ que Carlos Gonçalves oferece aos leitores deste “QI”, menciona que a revista “Robie” da editora Etcetera teve um nº 2 e que “Carga Pesada” da RGE teve um nº 3. Como eu tive dúvida se essas edições foram realmente lançadas, perguntei ao Carlos se ele tinha essas edições. Ele enviou cópia das capas mostradas acima. Sobre a “Carga Pesada” nº 3, Marcelo Naranjo escreveu em texto para o site Universo HQ em 2015:

“Uma curiosidade sobre “Carga Pesada” – a adaptação em quadrinhos da série de TV protagonizada por Antônio Fagundes e Stênio Garcia teve dois números publicados, com 100 páginas cada, em 1980. Existia uma “lenda urbana” de que um terceiro número nunca chegou a ser lançado, apesar de ter sido impresso. E a história é verdadeira. Uma das versões sobre o fato é que o caminho na TV tinha mudado de patrocinadores e o da HQ estava com a antiga marca.”

Recebi as suas duas últimas publicações, com o interesse que uma publicação como a sua, que nos é preciosa, desperta, principalmente agora em que estamos condenados a esta situação terrível, de não saber o dia de amanhã... estamos infectados, não estamos, esta contínua ameaça que paira sobre nós deste maldito vírus. É verdade que todos os seres vivos estão sujeitos à morte, mas ser lembrado todos os dias que apareceram mais não sei quantos humanos infectados e que morreram mais não sei quantos, é masoquismo.

Mas vamos ao que nos interessa que são as informações que o seu simpático fanzine nos traz, fruto da colaboração de uma série de leitores e amantes das HQs e coordenados por si. O 163 oferece-nos uma capa inédita e criativa sua e a colaboração de Henrique Magalhães, Lopes Faria, Lio Guerra Bocorny, E. Figueiredo e entramos no ‘Fórum’ com 16 páginas, um recorde absoluto nesta rubrica da sua publicação.

As ‘Edições Independentes’ continuam a paginação, com uma referência ao nosso editor Manuel Caldas, a rubrica ‘Mantendo Contato’ de WAZ, uma recordação sua num jogo de luzes e cores e finalizando com o ‘underground’ de Alex Sampaio, uma entrevista sua e outro apontamento seu sobre a sua veia artística, terminam as páginas do fanzine. Faz sempre bem recordar estas nossas reflexões e retrospectivas. Acompanha um encarte de Francisco Dourado sobre **O Tico-Tico**. Muito bom e parabéns.

Quanto ao 164, traz-nos também uma capa sua, engraçada e cheia de imaginação... e vamos à colaboração de Henrique Magalhães, do Mário Santiago, Luiz Faria, Alex Sampaio, Francisco Dourado, Lio Bocorny, E. Figueiredo e entramos no ‘Fórum’, com 16 páginas também de correspondência. Finaliza com as ‘Edições Independentes’, ‘Mantendo Contato’ de WAZ, e a transcrição de um artigo publicado num jornal brasileiro, sobre a qualidade das edições brasileiras de HQ, que rivalizam com as publicadas nos Estados Unidos, opinião que concordo. Aliás, um dos nossos últimos encartes (que penso que sairá brevemente) tentará provar isso. No fim, temos mais algumas informações úteis, além de um desenho seu. O encarte é de Rod Tigre e fala-nos dos primeiros Super-Heróis. Parabéns a todos.

ANGELO JÚNIOR

São José do Rio Preto – SP

Além do **Almanaque de Araque 6**, lancei mais dois álbuns, **Recantos & Civilizações 3** e **Extraordinárias Visões**. Meu traço está cada vez melhor, mais evoluído.

Mandeí pra gráfica um gibi no formato americano 17x26cm com os meus super-heróis. Aguarde, pois você receberá um exemplar. Você chegou a comprar a revista do André Carim, **Metal Fantasia**? Publiquei nela uma HQ.

Continuo a todo vapor, aproveitando a pandemia e intercalando minhas aulas pelo whats e desenhando adoidado. Até o final do ano lanço mais dois, **Dimensão do Delírio 4** (minha primeira HQ colorida) e um almanaque de quadrinhos com histórias de diversos gêneros.

Recebi essa semana seu álbum “O Fim do Mundo Começa pelo Brasil”, muito obrigado. O álbum ficou ótimo, tanto a produção gráfica como o seu trabalho, que foi um trabalho de fôlego. Pelo que vi, esse álbum não foi feito pelo Clube de Autores. Você bancou a produção do álbum?

Fico feliz que tenha gostado. Banquei 50 livros, imprimi em Sampa. Não estou vendendo, somente mandando para gente da área, vendendo o meu peixe para editoras... embora tenha consciência que é muito difícil... Muitos projetos por aqui, neste ano serão 6 álbuns (meu recorde), ano que vem desacelero, mas já tenho planos.

MARCOS FREITAS

fanzinequadrinhos@gmail.com

Tô lançando esse mês, além do **Quadrinhos, Michelle, a Vampira** completo, **Michelle 1** (aventuras inéditas) e três pré-vendas, duas do Shima (**Contos** tá sendo impressa já) e uma do Frank Robbins, **Johnny Hazard**. Dá uma olhada na loja e ajude na divulgação: atomiceditora.lojavirtualnuvem.com.br

Breve **Atomic Magazine 1**, **Monstros 5** e **Michelle 2**.

MÁRIO LABATE

São Paulo – SP

Estou entrando em contato para lhe pedir um favor. A editora Criativo, aqui de São Paulo, vai publicar um sketchbook com meus trabalhos. Já separei todo o material, e gostaria que você escrevesse o texto que irá na quarta capa. É bem curto, com mil toques, mais ou menos quatro parágrafos. Pensei em você porque nos conhecemos há um longo tempo. Poderia fazer isso? Escrever sobre mim e meu trabalho. Sei que não tenho muitas HQs, mas tenho feito diversas ilustrações. Se puder me ajudar com isso, eu ficaria imensamente agradecido.

Já escrito e entregue ao Mário. Espero que a edição seja lançada em breve e que tenha a acolhida que merece.

JOSÉ RUY
Amadora – Portugal

Tudo de bom para si e muita força no **QI**. Recebi o 164 que agradeço penhorado.

Que espanto! Sempre inovador e a surpreender-nos. Pois o segredo da capa será desvendar-nos, por código, a azáfama que é pôr “cá fora” um número periodicamente. E que números! Aquela equipa que aparece entre dobras e desdobras, a limpar coisas, e depois a construir os **QIs** para diante até às catacumbas da imaginação, no armazém subterrâneo onde estão todos os números futuros, é afinal uma mesma e só pessoa, o EG.

E o Editorial que receávamos ter desaparecido, surgiu radioso na página 37.

É o jogo dos números que nos subjugam, o número do BI, da nossa matrícula na escola, o número da Segurança Social, dos anos que nos pesam, e o número que representamos nesta “peça” que é a nossa própria vida.

O encarte com o ‘Dr. Semana’ é um reviver o passado de maneira saudável. A **Semana** foi durante décadas a cadência das publicações, muitas com HQ.

Forte abraço atlântico.

Muito obrigado pelos seus comentários, sempre bons de ler e que nos animam sempre a tentar novidades. Muitas ideias ficam no caminho pela dificuldade ou impossibilidade de realizar, com os poucos recursos que tenho. Mas quando vislumbro a possibilidade de alguma, não é caso de regatear, é pôr as mãos na massa e fazê-la real, esperando que o leitor possa apreciar o resultado.

SIMONE CAVALCANTE
simonecavalcante@gmail.com

Li o artigo ‘Quartetos Melhoramentos’ no número 156 do **QI**. Gostaria de saber se é possível encaminhar essa minha mensagem para o autor do texto, o Lio Guerra Bocorny. Queria muito saber se, na coleção que ele possui, existe algum registro de quem ilustrou os jogos.

Enviei à Simone o endereço de Lio.

Acho que as caixas dos Quartetos não traziam nenhuma informação sobre os artistas. O mesmo em relação às Estampas Eucalol, tema do artigo do Lio no “QI” 164. Na década de 1970 havia uma revista infantil chamada “Recreio” que trazia muitos jogos e armações. Nas histórias que saíam na revista, havia o crédito dos autores, escritor e desenhista. Mas nos passatempos, jogos e armações, não. No caso da revista “Recreio” era tudo feito na redação da editora Abri. Mas nos casos dos Quartetos e das Estampas provavelmente muita coisa era reaproveitamento de material feito em outro país.

ALEX SAMPAIO
Salvador – BA

Recebi e agradeço o envio do **QI** 164. Uma capa muito bem elaborada e de uma ideia bastante criativa. Uma edição bem recheada e com muito conteúdo. O encarte ‘Dr. Semana’ do colaborador Rod Tigre está ótimo. Parabéns!

O **QI** continua sendo o nosso baluarte no mundo dos quadrinhos. Sem ele ficaríamos órfãos de textos, informações e espaço de expressão. Adorei a resenha do Francisco Dourado sobre a garrafa térmica. Em poucas linhas ele nos surpreendeu com um final surpresa. E, Figueiredo nos deu um banho de emoção em ‘O Peixinho de Frei Crispim’. Apesar do final hilário, lugar de peixe é na água! Muito bacana. Com Lio Bocorny, o mundo das Estampas Eucalol nos fez recordar uma época que não volta mais. Sempre fui fã de colecionismo. Gostava de guardar coisas. Desde selos, chaveiros, cartões postais, figurinhas e gibis. Revi uma época com as informações. Nesse contexto, vejo cada vez mais que os fanzines não podem parar. Não temos essas informações em outro lugar. O **QI** hoje é necessário e essencial. O ‘Fórum’ veio super recheado. A gente percebe que os leitores querem opinar e participar de cada edição.

Cartas que se transformam em verdadeiras fontes de informação. Engrandece e faz do **QI** um instrumento único no meio dos quadrinhos na atualidade. A abertura da edição com as tirinhas do Henrique Magalhães engrandeceu a edição. O Henrique é muito talentoso e um ótimo amigo. Enfim, um **QI** de tirar o chapéu! Vida longa e parabéns mais uma vez por nos proporcionar momentos de ótima leitura em um dia muito chuvoso em Salvador. Segue uma revista da Editora Cedraz, com roteiro de Tom Figueiredo, desenhos de Paulo Setúbal e cores de Vitor Sousa. Circulou com apoio da Secretaria de Cultura de Estado da Bahia.

RODOLFO BERTOLI
Valinhos – SP

Só avisando, recebi ontem os dois **QIs**, 163 e 164. Sei que vai ficar indignado pela demora dos Correios pois um foi postado em julho e o outro em setembro, mas, enfim, chegaram.

Ando um pouco desanimado com toda a situação que estamos passando, pandemia, desgoverno, saúde pessoal um pouco mal, nenhum suporte de nada... enfim, paciência.

MANOEL DAMA
manoelmacedo@yahoo.com

Já recebi a nova edição do seu belo **QI** (nº 164). Capa bem criativa com dobraduras que devem ter dado bastante trabalho, mas o resultado é uma obra ímpar, cheia de significados. Gostei principalmente do encarte com considerações sobre o Dr. Semana e as cartas do ‘Fórum’, mas todo o conjunto se faz relevante. As divulgações seguem como registro importante para essa área e os textos analíticos/curiosos criam aquela necessária contextualização que nós, entusiastas e pesquisadores das HQs, tanto procuramos e só posso elogiar o Alex Sampaio, o Francisco Dourado, o Lio Guerra, E. Figueiredo, Worney (que tenho muita estima), entre outros. Parabéns! Toda a edição tem, como sempre, o seu capricho e colaboradores de peso. Obrigado por me deixar fazer parte disso.

É um grande incentivo pra continuarmos na luta. Sempre procurei, esses anos todos, colaborar para essa área com os inúmeros fanzines que produzi e distribuí pelos quatro cantos do Brasil, além de correspondências, divulgações, colaborações com outras publicações e também a minha participação em eventos, mas dá uma certa tristeza ver que boa parte disso se perdeu de alguma forma. Vejo artigos que tratam de publicações independentes, dentro dos contextos que atuei, e nenhum projeto meu é mencionado. Mas creio que pode ser o “caminhar das coisas” normais da vida... ou não. Quem sabe?

O fato é que o mais importante mesmo é que vivi (ou “vivemos”!) grandes momentos e descobertas junto a essa arte, essa cultura que movimenta pessoas notáveis e produções relevantes e valiosas, que vão nos arrebatando, divertindo e também ensinando (a foto do nosso grupo em Araxá, que você inseriu nessa edição, me transportou para uma época de boas amizades e relações mais especiais com os quadrinhos). Nossa passagem aqui é breve, mas as relações e produções que deixamos podem sobreviver bastante e espero, ainda, fazer algo interessante e benéfico para ser lembrado.

Desculpe o tom meio angustiado, mas a “barra” tá pesada pra todos, acho. Mas vamos vivendo, sacudindo a poeira e construindo sorrisos, ainda mais com o **QI** nas mãos, finalmente!!! Muito grato, amigo Edgard, e continue sempre com essa força produtiva e criativa que nos transporta a diferentes universos.



Agradeço as gentis palavras de José Magnago, vindas de um mestre dos fanzines só me lisonjeiam. Eu sou fãzão da fase rock'n'roll do Robertão e da Jovem Guarda em geral. Procuo principalmente compactos de bandas obscuras como **Os Aranhas, Os Brasas, Os Fugitivos, Os Moscas, Os Carecas, Os Metralhas, Os Oncinhas**, e centenas de outras... Lamentável foi a morte de Renato, dos seus Blue Caps, em 28 de julho, aos 76 anos. Não foi corona dessa vez, mas complicações pulmonares após cirurgia cardíaca. Ele frequentava um boteco aqui perto de casa, mas não tive a felicidade de conhecê-lo.

O Daniel Azulay dava aulas de desenho numa escola aqui perto também, tentei entrevistá-lo várias vezes, mas nunca consegui encontrá-lo lá. Não rolou. Nas HQs do Capitão Cipó, super-herói criado pelo Azulay e publicado em tiras no jornal **Correio da Manhã** em 1968, ele “antecipou” os punks. Os vilões da Seita Debrã são uma gangue de comunistas que praticam amor-livre e são liderados pelo terrível Zoltan, que já usa visual inclusive com os cabelos ajeitados na forma de “spykies”, penteado típico que os punks fazem geralmente com sabão de glicerina.



Agradeço também aos elogios do Abelardo Souza, Julie Albuquerque e do Alex Sampaio, fico feliz que estejam gostando das minhas pesquisas, dá um trabalho danado!

Quanto às heroínas das selvas nos quadrinhos, a primeira foi a Inaiá, de Agostini (1883), breve ela aparecerá em um encarte exclusivo para os leitores do **QI**.

Encontrei a Carteira Profissional como Ator do meu pai, Armando Azzari, ele fez mais trabalhos na TV que eu não sabia e não mostram na internet, em um site que lista atores e seus trabalhos e que tem um verbete com o nome dele. Faltam a novela **O Todo Poderoso** da TV Bandeirantes, e da Globo, a série **Plantão de Polícia**, dirigida por Jardel Filho, e da TV Cultura o **Programa O Mercantilismo** (ele também era economista). Ele não era magrinho como eu sou e quase sempre fazia papel de policial civil ou delegado na televisão e também no filme **O Ato de Violência**. Por isso eu o homenageei dessa maneira em uma HQ do Blenq, desenhada pelo Walmir Amaral. Quem diria que o menino que era fã do Fantasma um dia seria o herói em uma HQ desenhada pela arte do mesmo desenhista?



Falei nos nºs 162 e 163 do meu pai e dos gibis que ele colecionava na infância, os chamados “talões de cheque” do Xuxá e Pequeno Sheriff, que a coleção completa existe até hoje comigo (na verdade, faltam dois números apenas), mas o gosto pelo colecionismo começou com meu avô, Salvador Gonzales, cigano da etnia Calon vindo da Espanha. Diz a lenda que os ciganos “roubam crianças”, no caso da minha família foi fato.

Salvador roubou a menina Novella Azzari, uma rica italianinha do Ipiranga, de 14 anos, passando em frente à escola que ela estudava. Na verdade, minha avó se apaixonou pelo cigano espanhol e fugiu com ele, que era dono de um cortiço na Baixada do Glicério, em São Paulo. Meu pai e seus irmãos cresceram entre a cultura cigana, a espanhola e a italiana de militantes operários, na sua maioria anarquistas. Meu avô tinha uma máquina de projeção de filmes, o que despertou em meu pai o amor pela arte do cinema e da dramaturgia, com a qual fazia exposições na rua na parede do cortiço para os moradores da comunidade do Glicério, naquele tempo uma maioria de espanhóis e italianos pobres, com alguns descendentes ainda residentes (morei anos no Cambuci, bairro vizinho, e minha mãe nasceu na Vila Mariana, bairro nobre da região). De meu avô, vieram a coleção das revistinhas pulp espanholas de **Bird** e a edição única de **Voltereta**, que são provavelmente do início do século XX, não sei precisar a data porque não consta das edições. São histórias seriadas e ilustradas de meninos saltimbancos órfãos, o que explica porque o Robin, na Espanha, fazia mais sucesso que o Batman e teve até série própria produzida na década de 1940 com artistas locais. Por causa do Bird, meu pai cantava para mim a música ‘Menino Passarinho’, de Luiz Vieira. E também foi meu pai que me ensinou a importância da preservação de revistas antigas.



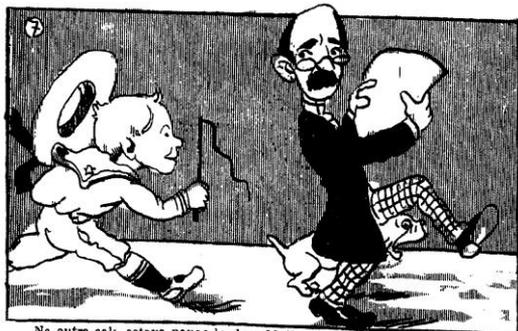
O guia de datas e referências mostrado pelo Dourado deixa um bom parâmetro de estudo para outros pesquisadores com a evolução do termo “quadros ao vivo” de Sisson, até se chegar no atual **Histórias em Quadrinhos**. Faltou ele contar do Pandoque, de Cândido Faria, que já usava o termo “quadros” em 1867.

Ele tem razão quando diz que o Dr. Semana também é um super-herói. Eu já tinha observado isso, mas não conhecia esses quadros que o Dourado achou em que o Dr. Semana voa, com direito a asas nos pés e capacete especial, e ainda o poder de se metamorfosear em pé de milho, hahaha, incrível!

Quanto ao encarte ‘Voos n’O Tico-Tico’ 5, eu tenho quase certeza de que o Leônidas Freire foi o criador do Chiquinho com o pseudônimo “Mary”, na primeira edição de **O Tico-Tico**, basta comparar os traços. E o Chiquinho na estreia não era nenhuma cópia de Buster Brown, já está na hora de dar um basta nesse erro perpetuado ad infinitum, que só merece uma das criações nacionais de maior sucesso de todos os tempos, que teve até desenho animado em longa metragem exibido nos cinemas em 1917 (desaparecido)!

Nós já sabemos que a pesquisa da História em Quadrinhos e da Arte Sequencial esteve por muitos anos (quase um século) comprometida pela escola de pesquisa norte-americana que propositalmente escondeu determinados autores, datas e fatos para valorizar a sua própria indústria, que se tornou, além de fonte de entretenimento, uma máquina de manipulação dos valores morais usada para o controle da cultura mundial, ofuscando principalmente os artistas e personagens do Brasil, que foi o país pioneiro no quesito possuir indústria cultural de personagens ilustrados fixos relevantes, o que provam os diversos personagens de publicação longa que tivemos, incluindo o Dr. Semana e o Zé Caipora, que se expandiu por outras mídias (teatro e até cinema mudo).

O mesmo pioneirismo e ineditismo valendo para o Príncipe Oscar de Gustavo Barroso (1908), considerado por mim e por alguns outros pesquisadores o primeiro super-herói moderno por ter sua importância confirmada pela posterior republicação, com direito até a premiação, na revista **O Tico-Tico** (1924). Produzi um pequeno documentário, que pode ser assistido no Youtube, **Gustavo Barroso, o Criador do Príncipe Oscar, o primeiro super-herói do mundo**, que mostra mais detalhes do lado “quadrinhista” dessa icônica personalidade multifacetada da História nacional.



Na outra sala estava papae lendo o *Mafio*. O cachorro passou-lhe pelas pernas e Chiquinho atirou-se também...

Sobre Chiquinho, o capítulo escrito por Antônio Luiz Cagnin no livro “O Tico-Tico – 100 Anos” da Opera Gráfica, lançado em 2005, é bastante esclarecedor. O nº 1 de “O Tico-Tico” trouxe uma HQ com um menino e um cão bem distintos visualmente de Buster Brown e Tige. Foram chamados de Chiquinho e Jagunço, e o trabalho assinado por “Mary”. Certamente o trabalho de Outcault era conhecido na redação da revista e motivado a criação dessa série, o que se deduz pelo uso do mesmo tema e pela figura do cão nos últimos quadrinhos, já parecido com Tige. Os números seguintes de “O Tico-Tico” passaram a publicar as páginas de Buster Brown com os mesmos nomes Chiquinho e Jagunço. A partir daí, quando uma HQ da dupla era produzida por artistas brasileiros, o visual seguido era o dos personagens americanos, abandonando as figuras iniciais de “Mary”. Com o fim da série original, Chiquinho e Jagunço continuaram suas aventuras por mãos e temas brasileiros.

Concordo que devemos valorizar a produção nacional dos primórdios dos Quadrinhos como produção industrial nos jornais e revistas, e não dar muita importância à história dos comics escrita pelos norte-americanos, de modo geral tendenciosa, para não dizer falsa.

Mas é preciso ficar ciente de que sempre todo mundo está copiando de outro. O artista original é o que consegue copiar grande quantidade de pequenos bocados, bem misturados, de modo a que não consigamos identificar os copiados.

Com a digitalização do acervo de grandes Bibliotecas do mundo inteiro, se mostra urgente não ter medo de recomeçar do zero todo conhecimento que tínhamos sobre as aqui chamadas Histórias em Quadrinhos, e até mesmo reconhecer quais objetos de estudo que também podem ser chamadas de artes sequenciais autênticas. O Francisco Dourado divulgou no blogue dele os códices Mayas e Aztecas do século XII, feitos em pele de veado, um verdadeiro achado! Os desenhos trazem verdadeiras HQs de aventura, homens com super-poderes, asas, seres fantásticos, combates, sexo, motos, tanques, navios, discos voadores e até mesmo veículos especiais! Não é preciso se esforçar para enxergar super-heróis nas ilustrações dos chamados códices, e também na dos livros sagrados dos mayas, Chilam Balan e Popol Vuh; nos Livros dos Mortos egípcios (1580 a.C. a 1160 a.C.) e nas tábuas de argila da Suméria (3.000 a.C.).

‘El Primer Nueva coronica y buen gobierno’ é um manuscrito de 1615, escrito e desenhado por Felipe Guamán Poma de Ayala, um índio cristianizado do Peru, relatando a situação do país na época, com segmentos de arte sequencial em suas páginas.



Um Lubok é caracterizado por narrativas ilustradas simples, derivadas de literatura, histórias religiosas e contos populares. Teria surgido na China sendo os primeiros exemplos russos dos séculos XVII e XVIII, em xilogravuras, seguidas de gravuras e de litografia a partir de meados do século XIX. Às vezes apareciam em séries, predecessoras da História em Quadrinhos moderna, inclusive com heróis. Abaixo, rato enterrando gato.



A Imagerie d'Épinal foi uma empresa fundada em 1796 por Jean-Charles Pellerin. Artesanais no início, as imagens de Épinal gradualmente se tornaram uma indústria, primeiro gravando as imagens em xilogravura, até por volta de 1850, com a chegada de litografia. Os temas eram variados, de exaltação a Napoleão Bonaparte, até a vida dos santos, fábulas infantis e aventuras de capa e espada. Henri Maigrot (1857-1933), um caricaturista e jornalista, mais conhecido sob o pseudônimo de Henriot, desenhou e escreveu a história de Cyrano de Bergerac, publicada em álbum pela Imagerie d'Épinal entre 1890 e 1900.



Outra linha de estudos que começa a despontar é a pesquisa nos chamados “quadrinhos medievais” ou “medieval comics”, que podem ser encontrados nos chamados Blockbooks ou nas Bible Moraliseé. As Bible Moraliseé eram bíblias ilustradas manuscritas do final da Idade Média (séculos XIII ao XV), que consistem em versos da Bíblia em latim, com comentários fornecendo lições morais. As maiores bíblias contêm até 5000 desenhos, um grande número de ilustrações, e devido à complexidade desse tipo de manuscrito, que eram reservadas para reis e príncipes, são poucas as “Bíblias moralizadas” existentes. Já os Blockbooks eram “livros de blocos”, de até 50 folhas, impressas na Europa na segunda metade do século XV com xilogravuras em blocos esculpidos para incluir texto e ilustrações, destinados a um público popular, de conteúdo quase sempre religioso. Restam poucos Blockbooks completos, da maioria sobraram apenas fragmentos.

Na sequência, alguns exemplos de Blockbooks que podem muito bem ser chamados de quadrinhos de aventuras, com anjos, guerreiros e dragões.



‘Dance of Death’, exibindo esqueletos dançantes que apareciam diante de suas vítimas de várias classes, ofícios e profissões, foi objeto de alguns livros de blocos, o mais famoso deles produzido na Alemanha, provavelmente em 1465.

‘Psychomachia’, do poeta romano Aurélio Clemente Prudêncio, é um poema do século V que era ilustrado por monges e depois copiado nas outras edições. Trazendo conceitos de castidade, humildade, ira e orgulho, representadas por personagens femininas que podem ser consideradas autênticas super-heróínas, chamadas de As Virtudes, que enfrentam terríveis vilãs que fazem parte da gangue Os Vícios! As sequências ilustradas trazem lutas detalhadas, dinâmicas e violentas, como quando a vilã Orgulho surge montada em seu cavalo para enfrentar a Humildade e a Esperança; a heroína Castidade derrota a Luxúria com sua espada; e a heroína Sobriedade usa a cruz de Cristo para emperrar a carruagem da Indulgência e depois a golpeia com uma pedrada.

Mas não pensem que vou deixar de exaltar o pioneirismo brasileiro, ainda que seja na pré-história. Apresento como sendo a arte sequencial mundial pioneira as inscrições esculpidas há pelo menos 25 séculos na Pedra do Ingá, uma formação rochosa que ocupa uma área de 250m² no município de Ingá, no agreste da Paraíba, à margem do Rio Bacamarte a pouco mais de cem quilômetros da capital, João Pessoa. Ariano Suassuna foi um dos maiores divulgadores da importância da Pedra do Ingá, assim como os compositores Lula Côrtes e Zé Ramalho. Nos quadrinhos, a Pedra do Ingá aparece em uma versão moderna do personagem Piteco, de Maurício de Sousa, produzida pelo artista paraibano Shiko em 2013.



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou folheto em quadrinhos A Primeira Páscoa da Sociedade Bíblica do Brasil; páginas de livro didático contendo quadrinhos; catálogo de exposição de J. Carlos feita pela Instituto Moreira Salles; cartões telefônicos da CTBC, Telepar e Telefonia.



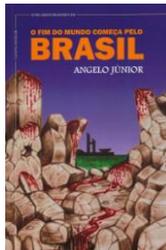
EDIÇÕES INDEPENDENTES

QUADRINHOS

AAAHRTE!!! * galeria de zines e acontecimentos criativos com destaque para a criação da editora Merda na Mão * n° 20 18 * set/2020 * 122 pág. * arquivo em pdf via email * **Wagner Teixeira** – wnyhyw@gmail.com.

AAAHRTE!!! * galeria de zines e acontecimentos criativos com destaque para quadrinhos de Wagner e ilustrações de Marcelo Dola * n° 20 19 * out/2020 * 128 pág. * arquivo em pdf via email * **Wagner Teixeira** – wnyhyw@gmail.com.

CARTUM * n° 141 * ago/2020 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.



CARTUM * n° 142 * set/2020 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

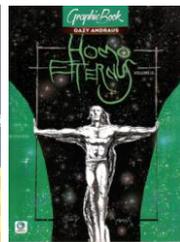
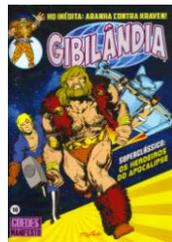
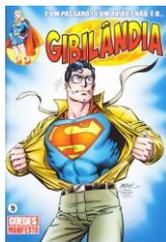
FANZINAR * um neoverbo: conjugações do verbo fanzinar * 2020 * 16 pág. * A7 * **Gazy Andraus** – R. Senador Jaime, 810 – St. Campinas – Goiânia – GO – 74525-010 – yzagandraus@gmail.com.

O Fim do Mundo Começa no BRASIL * aventura com vários super-heróis criados por Angelo Júnior * out/2020 * 80 pág. * 170x260mm * capa color. * **Angelo Júnior** – R. Renato de Oliveira, 210 – São José do Rio Preto – SP – 15042-075 – angelomsjunior@yahoo.com.br.

GIBILÂNDIA * HQs de Alex Toth, Joe Orlando e Wallace Wood, Roberto Guedes e Horácio Jordan, texto sobre os autores de Superman * n° 9 * set/2020 * 36 pág. * A5 * R\$ 25,00 * **Roberto Guedes** – Av. Iraf, 393, conj. 111 – São Paulo – SP – 04082-001 – guedesbook@gmail.com.

GIBILÂNDIA * HQs de John Byrne, John Romita, Bruce Jones, Tony DeZuñiga, entrevista com Stan Lee * n° 10 * out/2020 * 36 pág. * A5 * R\$ 25,00 * **Roberto Guedes** – Av. Iraf, 393, conj. 111 – São Paulo – SP – 04082-001 – guedesbook@gmail.com.

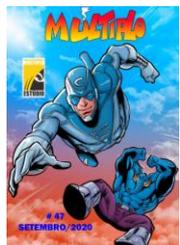
HOMO ETERNUS * álbum de quadrinhos de Gazy Andraus * vol. 3 * set/2020 * 52 pág. * 210x280mm * capa color. * **Gazy Andraus** – R. Senador Jaime, 810 – St. Campinas – Goiânia – GO – 74525-000 – yzagandraus@gmail.com.



INFORMATIVO 2020 * entrevista com Tony Fernandes * abr/2020 * 4 pág. * edição digital gratuita * **Denilson Reis** – tchedenilson@gmail.com.

LEITOR VIP * n° 65 * ago/2020 * 16 pág. * A5 * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

LEITOR VIP * n° 66 * set/2020 * 16 pág. * A5 * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.



METAL FANTASIA * HQs de Cláudio Dutra, Luiz Iório, Bira Dantas, Angelo Júnior * n° 1 * set/2020 * 52 pág. * 170x260mm * capa color. * R\$ 30,00 * **André Carim de Oliveira** – andreacarim@outlook.com.

MICHÈLLE A VAMPIRA * HQs inéditas de Emir Ribeiro * n° 1 * jul/2020 * 24 pág. * 160x230mm * R\$ 15,00 * **Marcos Freitas** – R. Comandante Osni Schuttel Furtado, 389 – Praia de Fora – Palhoça – SC – 88138-760 – atomiceditora@gmail.com.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

COOPERAÇÃO ENTRE QUADRINHISTAS

Pesquisando os quadrinhos de Lyrio Aragão, percebi que os jovens quadrinhistas paulistas do começo da década de 1960 tinham sonhos, objetivos e trabalhos muito parecidos. Tentando tornar o talento para os quadrinhos em profissão, muitos jovens eram amigos e parceiros de empreitada e publicavam seus trabalhos na editora Outubro (depois nomeada Continental) e La Selva.

Eram Júlio Shimamoto, Luiz Saidenberg, Lyrio Aragão, Valdyr Igayara, Izomar, Maurício de Sousa, Getulio Delphin, Paulo Hamasaki, Toni Duarte, Ignácio Justo, Zezo, Gedeone Malagola e Ivan Saidenberg. Todos entre 19 e 25 anos, vislumbraram nos quadrinhos um meio de vida e arte.

Alguns logo foram para a publicidade (mas mantiveram o vínculo com as HQs), mas outros insistiram e percorreram os tortuosos caminhos impostos pelas editoras paulistas de quadrinhos, ganhando pouco por página publicada e vendo suas HQs republicadas, sem autorização ou remuneração, em outras revistas e outras editoras. Tempos difíceis, mas muito produtivos, especialmente para HQs de terror.

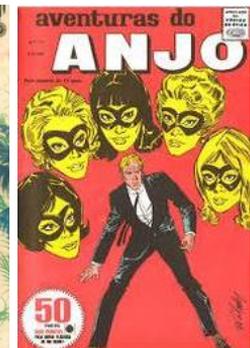
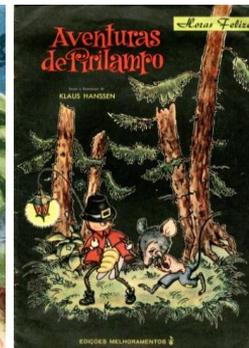
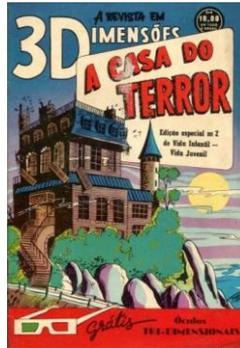
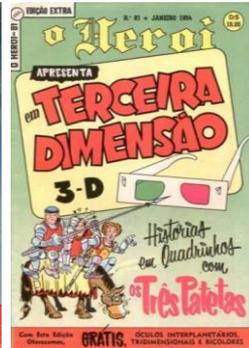
Lyrio Aragão, Waldyr Igayara, Júlio Shimamoto e Luiz Saidenberg trabalharam muito próximos, dividindo uma sala no prédio Martinelli no centro de São Paulo. Saidenberg e Shimamoto publicaram muitas HQs em dupla, um fazendo a arte-final no traço do outro, com roteiro coletivo. Já Lyrio Aragão tinha como método de trabalho o desenho de cenas posadas com modelos vivos, com familiares e colegas de trabalho. Um dos preferidos era Igayara, colega de trabalho na Polícia Civil de São Paulo. Ambos faziam retratos falados. Mas as duas duplas interagiam e criavam entre si.

Dois bons exemplos de cooperação são as HQs *O Monstro do Cemitério* e *O Monstro*. Uma assinada por Lyrio Aragão e a outra por Luiz Saidenberg. Mesmo roteiro, mesmo andamento, mesmos personagens, só mudando o desfecho. Perguntei para Saidenberg sobre essa semelhança, mas ele não se lembra. Afinal, se passaram 60 anos! Mas certamente houve uma boa conversa para criar essas duas preciosidades.

O Monstro do Cemitério, de Lyrio Aragão, foi publicada na revista **Seleções de Terror** nº 18 e *O Monstro*, de Saidenberg, saiu na revista **Histórias Sinistras** nº 10, ambas pela editora Outubro.

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

CAPAS DE GIBIS ENVIADAS POR GASPAR ELI SEVERINO



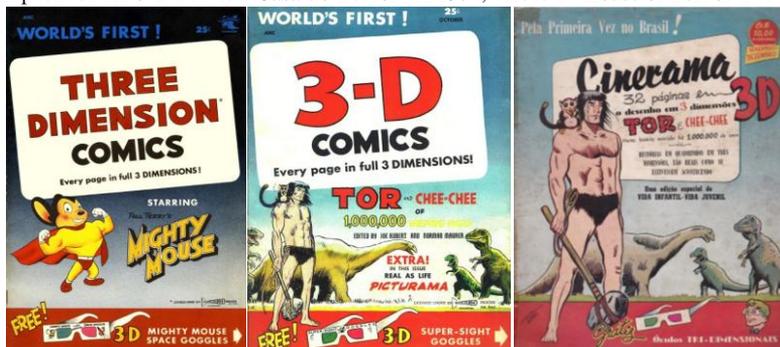
ZOÍM

A série *Fantasma* (*The Phantom*) começou em 17/2/1936, escrita por Lee Falk e desenhada por Ray Moore. O personagem tem um capuz e uma máscara estreita, que mal cobre o rosto, com uma pequena abertura para os olhos. Nas cenas de ação em que o herói aparece de corpo inteiro, nem é possível desenhar os olhos na abertura da máscara, ficando apenas um espaço estreito branco representando a abertura. Mas nas cenas em que o rosto de Fantasma ocupa todo o quadrinho, Ray Moore desenhava os olhos na abertura da máscara. Moore manteve essa opção de estilo até início de 1937. A imagem abaixo à direita é da tira de 23/1/1937, uma das últimas vezes em que Moore desenhou os olhos bem definidos. Depois optou por representar a máscara sempre com a abertura em branco, mesmo quando o rosto do Fantasma é mostrado de perto, talvez para aumentar o clima de mistério. Esta solução permaneceu durante toda a fase de Ray Moore e depois, durante os vinte anos em que a série foi desenhada por Wilson McCoy. Com a morte de McCoy, a tira passou, a partir de 21/08/1961, para as mãos de Sy Barry, que manteve a característica dos olhos brancos. Mas as páginas dominicais ficaram temporariamente nas mãos de Bill Lignante, até 13/5/1962, quando foram assumidas também por Barry. Lignante não ficou na série de Fantasma para os jornais, mas, talvez por essa pequena experiência, assumiu os desenhos das aventuras do herói para os *comic books*, tornando-se um de seus mais prolíficos autores. No breve período em que ficou nas páginas dominicais de Fantasma, Lignante produziu uns quadros inusitados. Em situações de espanto, ousou desenhar os olhos do Fantasma, que há décadas permaneciam escondidos. E não foi uma boa ideia, como se vê abaixo no quadro da página dominical de 25/3/1962.



TREISDÊ

Na página anterior, entre as capas enviadas por Gaspar Eli Severino, as três primeiras são de revistas em 3-D publicadas no Brasil. A primeira é a capa de **Possante** nº 11, publicada pela Ebal em dezembro de 1953. No topo da capa aparecem os dizeres “A Primeira Revista do Mundo a apresentar Histórias em Quadrinhos com a Terceira Dimensão”. A primeira revista de quadrinhos publicada nos EUA foi a **Three Dimension Comics** (setembro/1953) da editora St. John com o personagem *Mighty Mouse*, justamente a edição publicada pela Ebal. A edição americana traz no topo da capa os dizeres “World’s First!”. Isso explica os dizeres da revista **Possante**, que foi a adaptação para o Brasil da primeira revista 3-D (norte-americana) do mundo. Cabe observar que foi a primeira vez a se usar a técnica 3-D em revista de Quadrinhos, pois já era usada em ilustrações de revistas na Alemanha em 1952. Interessante notar a rapidez com que a Ebal publicou o material no Brasil, cerca de 4 meses depois, lembrando que a edição americana deve ter saído nas bancas de lá em julho (cerca de 2 meses antes da data de capa). A editora St. John lançou outra revista com a chamada “World’s First!” um mês depois, outubro de 1953. Foi a **3-D Comics** nº 2 com o *Tor* de Joe Kubert. Esta revista foi publicada no Brasil pela editora Vida Doméstica em 1954 (não tem especificação do mês) na revista **Cinerama** nº 1 trazendo no topo da capa os dizeres mais modestos “Pela Primeira Vez no Brasil!”, o que já não era verdade. A Vida Doméstica também publicou em 3-D a revista **Casa do Terror** em 1954, versão de **House of Terror** nº 1 da St. John com data de outubro de 1953. Com o sucesso da revista de *Mighty Mouse*, que custava o dobro do preço e vendeu mais de um milhão de exemplares, houve uma inundação de revistas 3-D nos EUA, por várias editoras. Mas logo a mania passou. Aqui no Brasil, a Ebal publicou em janeiro de 1954 outra revista 3-D, a **Herói** nº 81 com *Os Três Patetas*. Com o tempo, esporadicamente alguma editora lançou alguma edição com a técnica 3-D.



O SORUMBÁTICO!

AGORA, FINALMENTE, EU TINHA CERTEZA...
A BELA HENELGina MATTOS DE ARAGÃO ME QUERIA
DA MESMA FORMA LASCIVA E ESTRANHA QUE EU
VINHA ALIMENTANDO ESSE NOSSO SENTIMENTO...
A PAIXÃO É MAIS DO QUE EVIDENTE. CLARO QUE
JÁ SE PASSARAM MAIS DE 40 ANOS E EU JÁ TÔ
CASADO, MEIO IMPOTENTE, COM GASTRITE, FALIDO
E MORANDO EM OUTRO ESTADO,
MAS O QUE IMPORTA É QUE O
AMOR AINDA SOBREVIVE...



Colaboração de Manoel Dama.

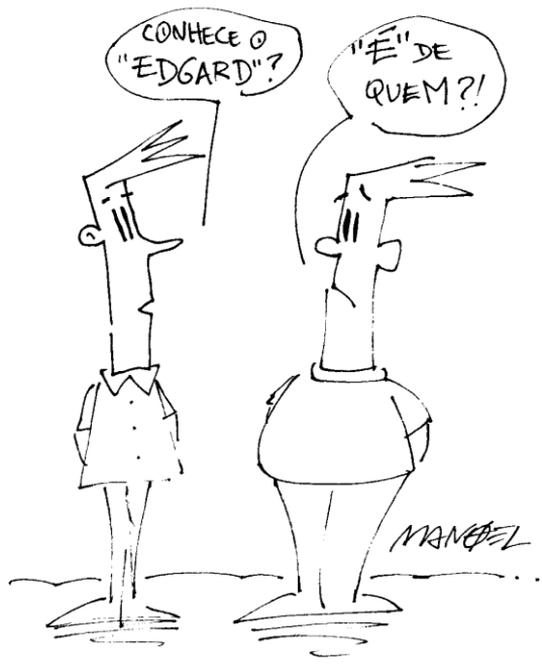


Ilustração de Manoel Dama – Retrato de Edgard feito por Joás Dias de Lima em 2004 – Adesivo enviado por Aldo Maes – Flyer de Fatherzine enviado por Valdir Ramos.

ANALISANDO A PIADA DA CAPA

EVIDENTEMENTE

há uma implicância progressiva entre o Rei e o músico popular, a ponto daquele não titubear em usar as forças de repressão ao seu dispor para coibir a realização da atividade artística deste. Vê-se claramente que o sujeito encarregado da repressão foi alguém na infância incapaz de apreciar qualquer tipo de atividade cultural, que cresceu perseguindo e molestando os colegas de mentes mais criativas (sendo por eles deixado para trás) e que na vida adulta não seria capaz de qualquer outra coisa além de empregar sua truculência a serviço de algum déspota autoritário. Por outro lado, também fica claro que o músico de rua é uma pessoa da mais alta idoneidade, suportando com dignidade uma vida de agruras materiais, que não o impede de exercer sua arte com zelo, honestidade e talento, mesmo dispondo apenas de instrumento musical precário, e principalmente não alugando sua expressão artística aos interesses do poder insituido. Luta estoicamente pelo direito de todos poderem praticar suas artes livremente, sem constrangimentos ou censuras. E, nessa luta inglória, arrisca a própria integridade física, sujeitando-se a desmandos de toda ordem. Aliás, cabe observar que o Rei, não bastasse a arrogância e a prepotência, acumula também os adjetivos de covarde e pusilânime, pois não teve fibra de comparecer pessoalmente à cena.

Analisando, agora, mais detidamente, a piada, na versão em PDF que tenho da publicação, reparo que... não há piada. Não há nenhuma graça em nada do que ocorre na cena mostrada, não há humor, não há verve, nem o mais leve laivo de espirotuosidade. Se era para ser uma piada, evidentemente ficou faltando algo.



1
6
5



BATMAN E DEMOLIDOR

Em meados da década de 1980, Frank Miller escreveu histórias de Batman e Demolidor, nomeadamente **Batman Ano Um** e **A Queda de Murdock**, que deram um novo status a esses personagens. Minha expectativa (e acredito a de muitos outros leitores) era ver esses personagens atuando juntos numa edição especial de preferência escrita por Miller. Na época as editoras Marvel e DC já haviam feito edições reunindo alguns de seus heróis, mas não era uma prática comum. E a história de Batman e Demolidor não virou realidade. Posteriormente, em 2000 houve uma edição com os dois heróis, publicada aqui em 2003, mas nada memorável. Como naquela segunda metade da década de 1980 a história conjunta não saía pelas vias oficiais, resolvi fazer eu mesmo esta história. Cheguei a esboçar umas duas dezenas de páginas, mas não desenhei ao menos uma. Ainda hoje acho que a ideia era interessante. Para um Batman (que é das trevas) e um Demolidor (que tem 'devil' no nome original), o inimigo comum só poderia ser um 'demônio' (o Etrigan). Mas um demônio que fosse o mal encarnado, diante do qual o mais destemido herói estaria impotente. Antes de começar a história, fiz alguns desenhos para definir como os personagens seriam retratados. Estes desenhos estão mostrados na 4ª capa. Cheguei a sonhar algumas soluções gráficas que não estariam ao meu alcance. Por exemplo, para ressaltar o clima tenebroso, fazer a impressão com tinta branca opaca sobre papel preto. Ou aplicar cor chapada apenas nos uniformes dos personagens principais: azul escuro no Batman, vermelho no Demolidor, verde no Espectro e amarelo no Etrigan. Mas ficou na vontade, seria muito trabalho para um resultado com limitações óbvias. Por usar personagens com direitos reservados, a edição só poderia ser independente. E ficaria cara. Logo outros projetos tomaram o lugar e este foi mais um que ficou no limbo.

